



**Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura da IV Feira Internacional da Amazônia - Fiam 2008**

Manaus-AM, 10 de setembro de 2008

Meu caro companheiro e amigo governador do estado, Eduardo Braga,
Meu caro companheiro ministro Alfredo Nascimento, e cumprimentando
o Alfredo, cumprimento todos os ministros que me acompanham nesta viagem,

Meus queridos amigos e amigas governadores dos estados aqui
presentes, nosso companheiro Anchieta, de Roraima; nossa companheira Ana
Júlia, do Pará; nosso companheiro Marcelo Miranda, do Tocantins; me parece
que estão faltando alguns governadores da região Norte,

Companheiros senadores da República,

Deputados federais,

Nossa companheira diretora da Suframa,

Empresários e empresárias presentes,

Meu caro Ênio Candotti, eu estava te vendo aqui e estava me
perguntando “o que o Ênio está fazendo aqui?”. Me falaram que você fez uma
opção pela Amazônia, que está dando aula aqui, agora. É uma coisa prazerosa
saber que um grande cientista, com jeito de paulista, está aqui na Amazônia
dedicando um pouco do seu saber para desenvolver esta região. Parabéns.

Meus amigos e minhas amigas,

Na verdade, se eu tivesse a certeza de que chegando em casa com
duas horas e meia de atraso, eu fosse falar com a d. Marisa e ela batesse
palmas para mim como vocês bateram para a Dilma, eu não estaria tão
preocupado como estou, porque na hora em que eu chegar.... estava previsto
para eu chegar às 11h30 da noite em casa, vamos chegar às 2h30, 3h da
manhã. Na hora em que eu for contar a história de nuvens no aeroporto, de
atraso de helicóptero, Deus queira que não tenha um pau de macarrão atrás da



porta, para que eu possa voltar a visitar a Amazônia sem um galo na cabeça. Mas eu estava ouvindo os companheiros falarem e fiquei pensando no que falar. Meu discurso é longo, eu queria falar muitas coisas, mas vou resumir, por mim e por vocês.

Eu penso que o que foi feito até agora pelo estado do Amazonas se deve não apenas ao mérito do governo federal, mas também à parceria civilizada e republicana que foi construída com a sua presença no governo do estado do Amazonas, companheiro Eduardo Braga. Deve-se também à sensibilidade dos empresários, que tiveram sempre a disposição de discutir com o governo federal, também de forma republicana, enfrentando adversidades, enfrentando estados e pessoas que não gostam da Zona Franca de Manaus. Em nenhum momento aumentamos o tom da nossa voz para fazer com que prevalecesse o direito de ser diferente o processo de industrialização e desenvolvimento desta região aqui.

Quando citei você, meu amigo Ênio, foi por uma razão muito simples. Nesta região do País, e também no Nordeste brasileiro, era muito difícil a gente encontrar um doutor. Os bons deixavam os seus estados e iam trabalhar nas universidades do Centro-Sul do País. Quando eu vejo algumas pessoas, como você, vindo para cá, eu digo: valeu a pena a gente acreditar no estado do Amazonas, valeu a pena a gente acreditar no Nordeste brasileiro. As pessoas estão se dando conta de que a forma mais justa de este país retribuir as aspirações do seu próprio povo é ele se desenvolver de forma mais equânime, é diminuir as desigualdades regionais.

Hoje, em Coari, nós fomos inaugurar um campus da Universidade Federal do Amazonas, oito ou nove cursos que fomos inaugurar. Depois fomos inaugurar um Cefet, que vai ter, para o ano que vem, mil e poucos alunos estudando lá. As universidades com os seus laboratórios, o Cefet com os seus laboratórios, serão mais cinco campi avançados e mais cinco Cefet espalhados pelo interior. E isso é para todo o País.



Isso vai permitir que a gente possa ter o horizonte da certeza dita aqui pelo ministro Lobão, que com o gasoduto e com a linha de transmissão Tucuruí-Manaus, não vamos ter mais problemas de energia elétrica neste estado, definitivamente. Segundo, dito aqui também pela companheira Dilma e pelo companheiro governador, estamos resolvendo os problemas de infraestrutura urbana deste estado e deste país. Eu estou vendo ali o começo da ponte que vai ligar para o crescimento industrial e também populacional do estado do Amazonas. E, para isso, temos que ver o seguinte: nós não vamos ter apenas energia, não vamos ter apenas o gasoduto, não vamos ter apenas água potável.

Tudo isso é importante, mas tão importante quanto tudo isso é que nós estamos preparando este estado para daqui a dez anos, quinze anos, ter gente da maior qualidade intelectual, formada aqui neste estado, com raízes neste estado e trabalhando por este estado. Isso está acontecendo em todos os estados brasileiros, sem distinção. É por isso que num pronunciamento que eu fiz domingo à noite, sobre a questão do pré-sal, fiz questão de dizer que – eu não sei quanto de petróleo tem no pré-sal, só ouço dizer que é muita coisa – só pelo fato de alguém dizer que é muita coisa, já aumenta o meu otimismo.

O que mais me agrada no pré-sal – e quando o Lobão vem aqui e fala que encontraram mais hoje, anunciaram na Bolsa de Valores – quanto mais falam de pré-sal, mais eu olho para a educação. Quanto mais falam do pré-sal, mais eu vejo que é a oportunidade para que, através da educação, a gente possa tirar este país da pobreza secular a que foi submetido durante mais de um século. Penso que todos nós hoje temos clareza de que o Brasil encontrou o seu rumo, finalmente o Brasil encontrou o seu rumo.

Alguém me disse uma frase hoje no avião que guardei na cabeça e vou plagiar até que a pessoa que disse me diga: “Fui eu quem disse, cite o meu nome, porque eu tenho direito autoral”. Alguém me disse o seguinte: “Presidente, sabe o que aconteceu no Brasil? Nós terminamos a Era dos



economistas governarem o País e entramos na Era de os engenheiros voltarem a governar o País, de pensar em industrialização, em desenvolvimento, em infra-estrutura, de pensar “gasto” em infra-estrutura como “investimento” e não como gasto. Se a gente for pensar apenas no que sai e não pensar no retorno que vamos ter depois de a obra concluída, ninguém vai deixar de levantar de cima do dinheiro.

Todo mundo fala: “Vai fazer universidade? Vai. Ah, não posso porque custa caro”; “Vai investir na educação técnica? Ah, não pode, porque custa dinheiro”; “Vai fazer a BR-319? Não dá porque custa dinheiro”; “Vai fazer a ponte aqui, que o nosso governador está fazendo com a ajuda do BNDES? Ah, é muito caro, não dá”. Ora, um país que pensa que tudo é caro e que tudo não pode, está predestinado a ser um país miserável e pobre, olhando o mundo rico se desenvolvendo. É uma coisa alucinada.

Eu me lembro de que passamos dois anos construindo a engenharia financeira para fazer a Transnordestina, uma ferrovia que liga o porto de Suape, em Pernambuco, ao porto de Pecém, em Fortaleza, e que passa por Eliseu Martins, no Piauí, para pegar a soja do Piauí. Sabe o que me diziam, meu caro Phellipe Daou? Diziam assim: “Mas, como? Você vai colocar dinheiro lá? Ela não é rentável, não é economicamente viável”. Ora, ela não é economicamente viável porque não existe. Se eu só investir onde é economicamente viável, vou investir na Avenida Paulista, na Avenida Copacabana ou em Boa Viagem.

Existem lugares que já possuem um desenvolvimento grande, mas que nós precisamos levar mais infra-estrutura, para melhorar a capacidade de escoamento daquela riqueza produzida. Ninguém discute isso. Agora, tem outros lugares em que, se não fizermos a infra-estrutura primeiro, não vai haver desenvolvimento. Perguntem para o governador do Tocantins o que está acontecendo naquele estado com a ferrovia Norte-Sul. Vocês devem estar lembrados que a ferrovia foi pensada em 1987, pelo ex-presidente Sarney. O



ex-presidente Sarney conseguiu fazer 115 km dela. Depois do Sarney, foi o Collor. Depois do Collor, o Itamar, depois do Itamar, o Fernando Henrique Cardoso. Em todo esse tempo, fizeram mais cento e poucos quilômetros. Nós, agora, vamos fazer mais de 1.000 km dessa ferrovia, até terminar o meu mandato. Se não der para acabar, terá sido por culpa do Alfredo, mas dinheiro tem, está no PAC, e nós queremos acabar. Vamos fazer a ferrovia Leste-Oeste na Bahia, chegando até a ferrovia Norte-Sul, para a gente integrar o País e dar várias opções para as nossas exportações e importações.

Então, para nós, está claro que o País, depois do Governo Geisel, que foi o último governo que investiu em infra-estrutura – em uma situação diferente da nossa, porque quando o Geisel investiu, tomou muito eurodólares emprestado, era muito barato o dinheiro na Europa, veio muito dinheiro para o Brasil e a gente se endividou. O Roberto Simonsen dizia para o Geisel: “Presidente, não pode gastar tanto, isso vai nos custar caro”. Mas o dinheiro estava fácil, foi pegando dinheiro... É verdade que fez muita coisa. Depois, veio o aumento de juros da política americana, a nossa dívida aumentou muito e nós, então, ficamos de 1980 a 2002 atrofiados, como se estivessemos em estado de coma, deitados em uma cama, sem lembrarmos quem éramos, para onde íamos e de onde tínhamos vindo. Esta é a história real do nosso país.

O que está acontecendo neste instante? Estamos estabelecendo uma política de desenvolvimento sem endividamento externo. Nós não estamos tomando dólares ou euros emprestados para fazer as nossas coisas. Estamos utilizando o potencial de investimento que o Estado brasileiro construiu, e é por isso que pensamos até 2010 e até 2012. Nós estamos pensando no potencial de financiamento do BNDES, que pulou de R\$ 48 bilhões para R\$ 100 bilhões, que vamos atingir este ano. Estamos pensando no potencial da capacidade de endividamento que as empresas brasileiras têm para pegar dinheiro no exterior a juros mais baratos. Então, previmos o número que a Dilma falou: até 2012 e 2014, R\$ 1,4 trilhão para fazer investimentos em infra-estrutura neste país.



Nunca aconteceu isso, porque o Brasil nunca foi pensado na sua totalidade. O Brasil era pensado apenas em função das regiões que determinavam a ordem econômica do País.

Eu quero que São Paulo continue crescendo, eu quero que o Rio de Janeiro continue crescendo, eu quero que o Rio Grande do Sul continue crescendo, que Goiás continue crescendo, mas eu quero que Roraima cresça, que o Pará cresça, que Rondônia cresça, que o Amazonas cresça, que o Amapá cresça, que o Nordeste cresça. Quanto mais crescerem estas regiões, mais vamos ter poder de compra para que os nossos consumidores possam comprar dos outros estados aquilo que não conseguem produzir aqui.

Eu disse isso para dizer a vocês o seguinte: empresários da região Norte do País, empresários e empresárias da Zona Franca. Hoje o governador, não disse aqui por gentileza, mas ele me falou: “Presidente, posso falar de um decreto de agosto de 2008 que causou um probleminha com algumas empresas daqui?”. Eu falei: “Meu filho, aproveita e me cobre no palanque”. Mas ele me elogiou tanto que depois ficou sem jeito de cobrar. Depois de falar tão bem de mim, me cobrar alguma coisa era ruim, mas ele me alertou que tem um decreto assinado por mim que teve alguns problemas aqui. Ele vai comigo hoje, amanhã vamos encontrar o ministro Guido Mantega, vamos ver por que foi feito o decreto nas condições em que foi feito e se for possível, fazer a mudança. Você sabe que eu não vacilo em fazer qualquer sacrifício para que esta região consiga se desenvolver.

Eu queria dizer aos empresários e aos trabalhadores que não tem volta para o Brasil, não tem volta. O Brasil assumiu a responsabilidade de se transformar em uma grande economia, e nós não vamos errar no passo. Podem ter certeza de uma coisa: eu não vou cometer os erros que os outros cometeram, por causa de eleição, “tem eleição não pode fazer isso, tem eleição, não pode fazer aquilo, tem eleição...”, deixa a inflação voltar mais um pouquinho que não tem problema, um pouquinho só não vai fazer falta”. Mas



quando ela volta um pouquinho, volta outro pouquinho, outro pouquinho, e na hora em que chegar a dois dígitos, a gente perdeu o controle da inflação. Eu vivi neste país com inflação a 80% ao mês e sei que quem perde é quem não tem dinheiro, que é o povo pobre deste país, que não tem conta bancária remunerada, que não tem como especular.

Eu vi este país quebrar no Plano Cruzado porque não tomamos posição no tempo certo e vi o Real fracassar porque a gente não tomou decisão no tempo certo. Hoje, um companheiro disse: “Lula, mas aumentou os juros outra vez?” Falei: “aumentou, meu filho, aumentou”. É sempre chato aumentar os juros, como é chato quando a gente está com a família dentro do carro, em uma estrada, vem uma curva, e a gente diminui a velocidade. Os filhos ficam, atrás: “Corre pai, corre pai, corre pai”. Tem até gente que fala: “Tem cachorro fazendo xixi na roda, corre”. Às vezes, uma corrida a mais é uma vida ceifada.

Eu quero dizer para vocês que este país, no dia 31 de dezembro de 2010... quero me preparar para entregar este país a quem vier me suceder. Quero entregar um país com a economia equilibrada, com a inflação altamente controlada, com a indústria crescendo, com a agricultura crescendo, com os pobres menos pobres, com os trabalhadores ganhando mais salário, com os empresários fazendo mais investimentos, porque a partir daí nós estaremos colocados em condições de nos transformarmos na quinta ou sexta maior economia do mundo.

Este país só não alcançou isso porque durante muito tempo a cabeça da elite que governava este país era uma cabeça colonizada. Nós nos sentíamos menores, mais pobres, mais impotentes. Eu aprendi, na minha vida, muito novo, que não existe nenhum interlocutor que respeite outro interlocutor, se ele não se respeitar. A mulher jamais respeitará o marido se ele não se respeitar, o marido jamais respeitará a sua mulher se ela não se respeitar; o empresário jamais respeitará o trabalhador se ele não se respeitar, e o trabalhador jamais respeitará o empresário se ele não se respeitar; o eleitor jamais acreditará em



um governo que se não se respeite. Então eu penso que o Brasil, durante muito tempo, não se respeitou, durante muito tempo a gente foi subserviente, durante muito tempo a gente virou as costas para quem não deveria virar as costas e abriu os braços demasiadamente para quem não deveria abrir. Eu estou seguro de que isso mudou, estou seguro.

Mesmo essa crise americana que há muitos meses está assustando o mundo, e ainda não sabemos o tamanho do buraco... Mas a verdade é que todo dia eu discuto a crise americana e cada vez mais eu estou convencido de que ela vai passar longe do nosso país, porque o nosso sistema financeiro não estava metido no *subprime*, porque nós temos 200 bilhões de dólares em reservas, porque não dependemos mais das nossas exportações apenas para um ou dois blocos. Hoje, com a Argentina, nós vamos chegar este ano a 33 bilhões de dólares; com a China vamos chegar a 35 bilhões de dólares; com a Venezuela chegamos a 6 bilhões de dólares. Nós hoje podemos dizer que conquistamos um pouco mais de liberdade.

Agora, com o pré-sal, eu acho que se a gente souber utilizar corretamente essa riqueza exuberante que Deus colocou bem pertinho de nós, vamos transformar este país. Lembrem-se que eu dizia sempre que os Estados Unidos ganharam o século XX, a Europa ganhou parte do século XIX e o século XX, a China ganhou o final do século XX e o começo do século XXI. O século XXI tem que ser dos países que não ganharam nada nos séculos XIX e XX. Isso depende única e exclusivamente de nós, não depende de ninguém. Depende da nossa crença, da nossa auto-estima, depende de ajudar a nossa pequena e média empresa, depende de acreditar nos pequenos empreendedores deste país.

Eu dizia agora para o governador que o dia em que a gente for capaz de levar uma feira de artesanato da Amazônia para a Avenida Paulista, em São Paulo, ou para o Rio de Janeiro, certamente a gente vai dar dimensão a um mercado que pode crescer de forma extraordinária, levando onde tem mercado



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República

para comprar os produtos. Eu falava para o Eduardo: as feiras do Nordeste são feitas no Nordeste, as feiras do Amazonas são feitas no Amazonas, mostrando o Amazonas para quem já conhece o Amazonas, mostrando o Nordeste para quem já conhece o Nordeste. Os outros estados não, vão para Frankfurt, para Vancouver, e nós ficamos mostrando para nós mesmos. Nós precisamos ser mais ousados. Falei para o governador que o nosso Ministério do Desenvolvimento, o nosso Ministério do Turismo, a Petrobras, o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal serão parceiros para que no próximo ano a gente faça uma grande feira da Amazônia lá no centro do capitalismo brasileiro, que é a capital paulista.

Um abraço, boa sorte e boa Feira.

(\$211A)